

A Importância da Criatividade no Desenvolvimento do Indivíduo



Revista Portuguesa
de Educação Artística

The Importance of Creativity in the
Development of the Individual

Débora Martins
João Pedro Gonçalves
Petra Rodrigues
Ricardo Vieira
Vanessa Marques

Universidade da Madeira — Mestrado em Ensino de Artes Visuais
no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
criatividade_av@hotmail.com

RESUMO

Construído com o propósito de enfatizar a importância da criatividade para o desenvolvimento do indivíduo, este trabalho reflete sobre os diversos ambientes criativos (casa, escola e trabalho) e sobre as influências dos seus intervenientes. Assim, é abordada neste estudo a criatividade, enquanto definição e conceito, o papel da família e da sua influência no percurso educativo e o ambiente criativo na escola e no mundo profissional. Posteriormente são apresentados estudos sobre a importância da criatividade na educação, e sobre o papel das disciplinas artísticas para o desenvolvimento criativo do indivíduo. Por último, são apresentados alguns casos de sucesso e empreendedorismo, que fundamentam a importância deste tema para o percurso profissional.

Palavras-chave: Criatividade; Ensino Artístico; Ambientes Criativos; Desenvolvimento Pessoal; Empreendedorismo.

ABSTRACT

Built with a purpose to emphasize the importance of creativity in the development of the individual, this work reflects on the many creative environments (home, school and work), and the influences of its intervenients. Thus, in this study we address creativity, its definition and concept, the role of family and its influence on educational outcomes and the creative environment at school and in the professional world. Later studies are presented on the importance of creativity in education, and the role of artistic disciplines for creative development of the individual. Finally we present some examples of entrepreneurship, underlying the importance of literacy for the career.

Keywords: Creativity; Arts Education; Creative Environments; Personal Development; Entrepreneurship.

Introdução

Este trabalho centra-se essencialmente no percurso do indivíduo ao longo do seu crescimento pessoal e profissional, tendo por objetivo demonstrar a importância do desenvolvimento da criatividade nos mesmos.

De forma a fundamentarmos o nosso estudo, procedemos a uma revisão bibliográfica, centrada no tema em causa. Posteriormente, o trabalho foi complementado com um estudo de caso, onde se inquiriram alunos, professores e encarregados de educação, no contexto educativo regional, de forma a inferir a importância das disciplinas artísticas para o desenvolvimento da criatividade.

Noção geral de criatividade

Ao pesquisarmos o conceito de criatividade num Dicionário de Língua Portuguesa, constatamos que é a “Função da inteligência humana que torna o homem superior ao que ele mesmo cria. Personalidade criadora insuperável própria do homem.” Epistemologicamente, a palavra criatividade deriva das palavras criar (“create”) e criação (“creation”), sendo que criar é “Dar existência a (...) gerar, produzir (...) originar (...) inventar (...)” e criação é o “Ato ou efeito de criar, a coisa criada (...)” (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa). Mas será que o ato de criação difere do ato de criar?

O humano absorve a sua envolvência, no entanto cada um de nós detém a capacidade de gerir estes conhecimentos socioculturais, científicos e temporais introduzindo-os e transformando-os pelos pensamentos e pelas ações. Consideremos então que a criatividade é a soma de uma série de conhecimentos sujeitos a variáveis cognitivas, situacionais e pessoais, e, apesar da sua conotação de ação espontânea, esta requer, num campo de novas possibilidades, todo um processo de trabalho, de investigação e de singularidade. Resumidamente, a criatividade irá ser um resultado da combinação de quatro dimensões: “[...] a pessoa, o processo, o produto e o ambiente (...)” (Condessa, 2006: 40).

Analisando vários autores desde os anos vinte até os dias de hoje, como Money, Guilford, Stein, Eyring e Sternberg, todos parecem estar de acordo que a criatividade é um processo associado a um produto final novo, diferente de qualquer outro existente e que combina diversos fatores

como os conhecimentos, a inteligência, a memória, a fantasia e a imaginação.

A criatividade parece, pois, ser uma capacidade ou aptidão humana de produzir ações intelectuais inteiramente novas e desconhecidas de quem as produz. Poderão tratar-se de produtos da imaginação ou de sínteses mentais, mas produzindo sempre conhecimentos novos, constituindo por isso uma capacidade mais importante que a de aprendizagem de conhecimentos. (Sousa, 2003: 189)

Todavia, atualmente privilegia-se a sociedade criativa como reflexo da produção de produtos palpáveis, medidos fisicamente. Não serão também os produtos criativos mentais, o ato de criar, tão ou mais importantes que os físicos, os atos da criação? Não residirá aqui o problema da estagnação e declínio socioeconómico?

Observemos o conceito de criatividade pela sua natureza epistemológica, ontológica, axiológica e deontológica. Na primeira permanece o conhecimento humano; aqui a criatividade apresenta-se como o modo de conhecer, absorver e de expressar esse conhecimento. Na segunda a metafísica do ser; esta é um modo de ser de cada humano ou grupo social, como também um processo de pesquisa do próprio ser. A criatividade, pelo seu processo mental, pela pesquisa da autenticidade, permite que o humano analise e critique a sua envolvência. Incentiva à constante procura pelo eu, singular e em grupo, e rejeita a estagnação social. Nas últimas duas naturezas destacamos os valores e deveres inerentes ao processo criativo. Estes são transmitidos e despertam noutros humanos a vontade pela pesquisa e experimentação de novas soluções intelectuais ou físicas.

A combinação destas quatro naturezas reflete o verdadeiro poder da criatividade: a união de todos os saberes do humano reunidos num constante saciar pela expressão do novo, do único. Este poder é perceptível por todos nós diariamente, seja: na nova melodia que nos acompanha no percurso de casa ao trabalho, levando-nos a fantasiar novos espaços; no instrumento cirúrgico que nos salvou e permitiu o nosso filho nascer; ou nos momentos de desespero económicos que nos levaram a observar, imaginar e concretizar um novo projeto.

Citando Sousa (2003: 187), “Quando se diz que o homem é superior aos animais pela sua inteligência, quer na realidade dizer-se que é pela sua criatividade e não apenas pelas suas capacidades lógico-associativas.”

Tipos de criatividade e o seu desenvolvimento

O humano detém a necessidade de sistematizar os seus conhecimentos e a ação multifacetada da criatividade não ficou inerente a este processo. Em 1955, Taylor apresentou cinco tipos de criatividade, atualmente aceites pela comunidade científica:

1. Criatividade Expressiva: “[...] a pessoa tem inteira liberdade de expressar os seus sentimentos, de modo criativo.” (Sousa, 2003:190). O ato criativo, emotivo e mental sobrepõe-se à criação final, física. São exemplos deste tipo o desenho livre, o action painting ou a improvisação dramática.

2. Criatividade Produtiva: A produção revela-se mais importante que o processo expressivo ou as características artísticas, encontrando-se condicionada por agentes exteriores. A investigação científica enquadra-se neste tipo.

3. Criatividade Inventiva: é um exemplo da capacidade do humano em unificar a criatividade expressiva e produtiva, o ato de criar e de criação, obtendo um produto inédito, muitas vezes inesperado: a lâmpada elétrica; a máquina fotográfica; o computador; os tablets; os microscópios; entre outros.

4. Criatividade Inovadora: “[...] refere as modificações revolucionárias num campo específico de estudos, das ciências ou das artes, trazendo novas perspetivas.” (Sousa, 2003: 190). Este tipo de criatividade vai mais longe do que a criação de obras, é geradora de processos em que ideologias, conceitos e pensamentos sofrem profundas alterações. Galileu e Einstein são um exemplos.

5. Criatividade Emergente: esta é somente atingida por génios que utilizam a criatividade como um ingrediente do quotidiano, natural, espontâneo, inerente ao seu ser, como por exemplo Leonardo Da Vinci.

Podemos observar diversas etapas no processo criativo que permitem o desenrolar e o culminar da criatividade. Em 1926, Wallas defendeu que este processo passaria por quatro etapas: preparação, incubação, iluminação e verificação. Será nos anos sessenta que Harris especificará as etapas passando-as para cinco: reconhecimento do problema; recolha de informação, atividade mental de tratamento da informação; imaginação de soluções; verificação; e colocação em prática.

Contudo, salientamos que alguns autores defendem que

estas etapas não se verificam na criatividade expressiva devido ao seu carácter espontâneo, ou aparentemente espontâneo. São estes questionamentos que colocam à prova as relações entre o humano e o conceito de criatividade na educação.

A criatividade não aparece ao acaso, apesar da espontaneidade ser uma das suas formas de expressão. A criatividade exige tempo, esforço, treino e uma grande margem para a singularidade que cada um é de facto. Reconhecer isto e agir em conformidade é fundamental para despertar a criatividade em ambientes educativos. (Medeiros, 2006: 73)

A partir dos anos cinquenta espoletaram-se estudos do desenvolvimento da imaginação criativa de forma a estimular a sua potencialidade no ato criativo. Entre os diversos autores, salientamos os estádios de desenvolvimento cognitivo das crianças estabelecidos por Piaget, com base nos estudos de Lowenfeld. Piaget irá defender que o conhecimento de cada um é “[...] gerado através da interação do sujeito com o seu meio, a partir de estruturas existentes no sujeito.” (Sardinha, 2007).

Outro estudo, citado por Sousa (2003), baseou-se especificamente no desenvolvimento da criatividade nos sujeitos: falamos de Ligon (1957). No seu estudo, estádios de desenvolvimento da criatividade correspondem a diversas faixas etárias. Desde o infântico e pré-escolar (do nascimento aos 6 anos), passando pela escolaridade básica (dos 6 aos 14 anos), pelo secundário (dos 14 aos 18) e até atingir a idade adulta, Ligon define vontades e interesses da atividade imaginativa. Este autor constatou que a criança, durante o infântico e o pré-escolar, detém uma enorme capacidade expressiva e espontânea visível na experimentação de tudo o que lhe rodeia e no constante teste aos seus limites criativos. Ao passar para a escolaridade básica, a criança apresenta um decréscimo na criatividade, pois procura a aceitação pelo grupo social que lhe rodeia inibindo a experimentação. Porém, aos poucos e poucos, com mais incidência a partir dos 10 anos, vai ganhando confiança e gosto pela aprendizagem efetuando projetos mais morosos e pormenorizados. De novo num período de transição, no secundário, o jovem apresenta um decréscimo da sua atividade criativa acentuada pela procura da atividade futura. Na reta final e perto da idade adulta, Ligon observou que o jovem “Necessita de dar plena liberdade das suas capacidades criadoras (...)” (Sousa, 2003: 195).

Refletindo, consideramos que a educação atual não deveria formatar os alunos, mas transmitir ferramentas necessárias

para abolir qualquer fronteira e libertar o agente criativo.

Fatores que influenciam o desenvolvimento da criatividade

Ambiente Criativo

A criatividade do indivíduo depende muitas vezes do contexto ou ambiente em que este se encontra inserido. Todos os seres humanos possuem um caráter criativo que requer um processo de desenvolvimento, sendo este possível apenas através da sua estimulação.

O ambiente criativo não deve se restringir a um local apenas (escola, trabalho, etc.), mas sim a vários locais, pois estes promovem a

[...] autorrealização do indivíduo e de, conseqüentemente, contribuir para uma sociedade composta de pessoas "mentalmente saudáveis", como também para estimular ao máximo, a capacidade humana para produzir inovações e propor novas alternativas [...] gerando assim um maior bem-estar para a humanidade. (Wechsler, 2008: 139).

Segundo esta autora, existem três ambientes que potenciam a criatividade, nomeadamente o local de trabalho, o ambiente familiar e a escola, mostrando assim que esta deve estar presente em todas as faixas etárias do indivíduo.

No local de trabalho, a criatividade está relacionada com a criação de novas ideias e conceitos, podendo assim obter mais lucro. Para tal, a estruturação da empresa não deve ser toda regrada e cheia de especializações onde cada funcionário faz somente o que lhe compete, pois aspetos como estes criam barreiras no pensamento criativo. Ao nível das relações humanas, o trabalho em equipa fomenta um maior desenvolvimento de ideias, devendo existir também recompensas e méritos de maneira a incentivar o funcionário a querer desenvolver um melhor trabalho.

O desenvolvimento da criatividade no ambiente familiar advém dos pais que estimulam e influenciam os seus filhos. Os pais têm assim um papel fundamental no crescimento da criança, encorajando-a nas opções que esta toma, mesmo sabendo que podem não ser as mais eficazes. Contribuem ainda para estimular e dar segurança na exploração de novas ideias, auxiliando a criação de críticas construtivas aquando de uma contradição e estimulando também as relações

sociais. Para que este acompanhamento seja feito, os pais devem assumir um comportamento exemplar, com uma mente aberta a novas ideias e mudanças. Serem desinibidos, admirar os seus filhos pelo que eles são e não pelo que eles se devem tornar, e evitando, muitas vezes, no ambiente familiar, a existência de regras e apresentando valores sobre o que é certo e errado.

No caso da comunidade educativa, Noller, citado por Wechsler (2008), afirma que a principal função da escola "(...) é ensinar a pensar e isto só pode ser feito através do desenvolvimento da criatividade de cada aluno, fazendo alguma coisa acontecer dentro de cada aluno, ou seja, desenvolvendo a sua motivação interna." O que ainda observamos no ensino, nos dias de hoje, são professores que lançam um problema o qual o aluno tem de resolver tal como os docentes querem para poder ter nota positiva, não dando qualquer margem a outros tipos de soluções ou questionamento sobre esse mesmo problema.

Ken Robinson (2010) afirma que "Somos formados por um sistema educacional fastfood. Em que tudo é padronizado, industrializado (...)", onde as escolas dão mais importância a determinadas disciplinas (ciências exatas) em detrimento de outras (vertente artística), advindo daqui um grande problema, pois a criatividade é mais estimulada no campo artístico (disciplinas às quais a nossa sociedade dá menor importância) e o que se pretende é que esta esteja presente e seja trabalhada em todas as áreas do saber. Devemos então afastar-nos da ideia de uma educação edulcorada que fascina os alunos, sem estimular o seu espírito crítico e a sua predisposição natural para a criação.

Cabe essencialmente ao professor criar essa mudança de pensamento dentro da sala de aula. Mas como poderá o professor atual estimular a criatividade dos alunos na sala de aula?

Será primordialmente necessário que saiba como desenvolver a criatividade dos seus alunos. O professor criativo deve ser flexível relativamente às formas de desenvolvimento do trabalho dos alunos e do currículo, procurando uma adaptação dos objetivos às necessidades individuais do aluno; deve ser capaz de estabelecer relações com o imaginário para metaforizar questões do real; deve tolerar a desordem e a complexidade em determinadas situações; e deve essencialmente encorajar, concretizar, respeitar e apoiar as ideias criativas dos alunos, não criando um ambiente de pressão e coerção. Este novo ambiente permitirá ao aluno experimentar sem medo de errar, podendo

construir as suas conclusões pessoais.

Influência da família na escolha vocacional

A família é portadora de um papel muito importante na tarefa de orientar a escolha vocacional dos seus filhos. Muitas vezes estes tipos de influências começam deste cedo, altura em que as crianças começam a proceder aos primeiros processos de aprendizagem. As influências familiares encontram-se ligadas não só às orientações vocacionais, mas também a todos os processos de aprendizagem, ligados à forma de ser, estar e viver numa determinada sociedade. Grande parte destas influências poderão ser exercidas de forma involuntária, se tivermos em conta que grande parte da aprendizagem executada pelas crianças e/ou adolescentes é obtida com base na observação, levando as crianças a adquirem hábitos que são observados no seio familiar ou fora dele. Por exemplo, uma criança que observa o seu pai a atirar um papel pela janela de um carro em andamento acaba, mais tarde, por vir a imitá-lo. Estamos então perante um caso de influência indireta. Por outro lado, também existem processos de influência por parte dos pais executados de forma direta e com fins específicos.

(...)os pais poderão “recompensar” o comportamento masculino em rapazes encorajando-os a brincar com brinquedos de transportes ou a brincar às lutas com eles, e poderão da mesma forma punir o comportamento feminino exprimindo desaprovação, por exemplo, pelo facto de eles brincarem com bonecas. (Berryman, 2005: 124).

Para além das influências familiares, podemos considerar como relevantes as influências exercidas sobre estes jovens através da televisão, da própria sociedade e ainda do grupo de pares. Estes três elos de influências são responsáveis pela adaptação, por parte destes jovens, a um conjunto de comportamentos, hábitos e costumes que vão surgindo de forma gradual, modificando a maneira de ser e de estar perante a vida, através das aprendizagens diárias executadas por estes jovens. Segundo Berryman:

(...) a televisão surge como uma grande influência na aprendizagem das crianças no mundo real são os meios de comunicação. As crianças aprendem a partir de livros, jornais, revistas e rádio; e talvez a influência mais poderosa de todas seja a televisão. A televisão está agora presente na maioria dos lares da sociedade

ocidental e estudos recentes sugerem que a maior parte das crianças passa normalmente entre duas a quatro horas por dia à frente da televisão. (2005)

Ao falarmos das influências da sociedade, temos de ter presente que estas sempre fizeram parte de padrões estereotipados, os quais iniciam-se no seio familiar com a socialização, que trata da aquisição, por parte do indivíduo, de um conjunto de leis e valores. Este conceito de socialização surge para justificar as influências da sociedade sobre o indivíduo, levando-o a saber estar e se comportar num determinado espaço social, com base num conjunto de regras pré-definidas e impostas pelo meio envolvente. O qual, por sua vez, acaba por ser responsável pela criação de grupos de nichos, ou grupos de pares, portadores de uma ideologia muito própria, onde se partilham gostos, interesses e outras atividades em comum.

Todas estas influências são importantes para o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes, ao longo do seu percurso de crescimento, contribuem para a construção da personalidade destes jovens e posteriormente acabam por adquirir um papel muito importante na escolha vocacional. Embora estas influências sejam muito importantes para a escolha vocacional, é a família que se encontra mais presente em todo este processo de escolha. Estas influências podem divergir de família para família, sendo que as principais diferenças encontram-se presentes entre as famílias contratualistas e estatutárias. Segundo Martins, Gonçalves e Vieira, 2011: “As famílias contratualistas, têm por objetivos e métodos educativos, proporcionar uma educação com base nos interesses pessoais dos filhos, como meio de obtenção de uma autorrealização.” Nestas famílias pelo menos um dos cônjuges possui um curso médio ou superior, fator este que acaba por surgir como um elo facilitador para o sucesso dos jovens. Devido à perpetuação de privilégios, certifica-se que um filho de um médico possa chegar a médico, e que o filho de um carpinteiro tenha pelo menos acesso a uma profissão manual. Em relação às famílias estatutárias, ainda segundo Martins, Gonçalves e Vieira: “[...] estas procuram manter as condições de vida, sendo comuns os pensamentos sobre um futuro marcado pela indefinição e pela incerteza ao ingresso no ensino superior (...)” (2011). Este tipo de famílias, a nível de escolaridade, encontra-se entre o 4.º ano e o 11.º ano, sendo que grande parte dos elementos que o compõe é operariado. Devido ao historial familiar, grande parte dos jovens que compõem as famílias estatutárias acabam por não ter grande poder de decisão sobre a escolha vocacional:

muitas vezes, por se emanciparem demasiado cedo e por falta de possibilidades económicas, entre outros.

Embora estejamos perante dois tipos de famílias totalmente distintos, estas têm algo em comum: as profissões dos pais acabam por estar intimamente relacionadas com as escolhas vocacionais dos filhos, que procuram grande parte das vezes seguir as profissões dos seus progenitores. Este fator acaba mais uma vez por privilegiar os jovens das famílias contratualistas. Estes, deste cedo, estão habituados a lidar com livros, materiais riscadores, papéis entre outros utensílios, que irão proporcionar-lhes outras experiências, as quais, efetivamente, encontrar-se-ão ligadas às escolhas vocacionais. Estas experiências acabam por enriquecer todo o intelecto da criança. Para além destas atividades, este tipo de famílias, por serem detentoras de uma situação financeira estável, acaba por proporcionar outras atividades culturais, tais como: concertos, viagens, exposições; todas estas vivências acabam por abrir outros horizontes aos jovens nas suas escolhas. As famílias estatutárias, infelizmente, não têm como presentear os seus jovens com este tipo de atividades, fator que leva a uma restrição de conhecimentos e experiências. Estes tipos de jovens normalmente crescem habituados a um nível de vida mais baixo, onde, grande parte das vezes, o que importa é se emanciparem o quanto antes para ajudarem os seus familiares. Esta emancipação precoce acaba por levá-los a dar continuidade ao passado laboral dos pais. No entanto, por mais desfavorecidas que estas famílias possam ser:

(...) acreditam ou querem acreditar, que a concretização dos seus projetos só depende das capacidades e do empenho dos filhos, mas os seus discursos aparecem marcados pelas experiências e pelo receio da discriminação escolar. (Seabra, 2005: 69)

Independentemente do tipo de famílias, das possibilidades económicas, do tipo de experiências que poderão ou não proporcionar aos seus filhos, estas acabam sempre por os influenciar, não só ao nível das escolhas vocacionais, como também ao nível das maneiras de ser, estar, de se comportar e de se integrar em sociedade. Estamos perante um processo de aprendizagem contínuo e vicioso, responsável pela criação de uma sociedade autorregeneradora.

A criatividade no Ensino (perspetivas dos alunos, dos pais, e dos professores)

Objetivo do Estudo

O objetivo deste estudo: é perceber qual a importância atribuída pelos encarregados de educação a cada disciplina, segundo a perspectiva dos seus filhos; compreender qual a importância atribuída pelos encarregados de educação às disciplinas do curso Científico-Humanístico de artes visuais do ensino secundário, aferindo as suas opiniões através de perguntas em escala; conhecer a sua opinião sobre o ingresso no ensino superior, num curso da área artística; e, por fim, conhecer a perspectiva dos alunos sobre a importância que os seus pais atribuem às mesmas disciplinas. Estes dados confidenciais foram recolhidos de forma emparelhada para que se pudessem comparar os resultados do aluno e do seu familiar.

Assim, investigou-se a possibilidade dos encarregados de educação influenciarem os seus filhos a alterarem o seu percurso escolar, menosprezando as áreas das expressões artísticas e os ambientes mais propícios ao desenvolvimento da criatividade e do espírito crítico.

Participantes

A amostra é composta por 26 alunos de uma escola pública portuguesa, sendo que 15 (8 do género feminino e 7 do género masculino) frequentam o 9.º ano do 3.º ciclo do Ensino Básico e 11 (3 do género feminino e 8 do género masculino) encontram-se a frequentar o 12.º ano do Ensino Secundário, no Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais. Da amostra faz parte também um membro do núcleo familiar de cada aluno do 12.º ano. As idades dos alunos variam entre os 14 e os 21 anos, estando a média das idades situada nos 18,1 anos de idade. A maior parte destes alunos nunca reprovou (76%) e todos os alunos do 12.º ano têm interesse em prosseguir os seus estudos no Ensino Superior no ano letivo de 2011/12. As idades dos 11 encarregados de educação presentes na amostra variam entre os 27 e os 62 anos, sendo a média das idades de 44,5 anos de idade. A maioria (54,5%) possui o 6.º

ano de escolaridade, 18,2% possui um nível de escolaridade inferior ao 6.º ano, 18,2% possui o 9.º ano de escolaridade e apenas 9,1% possui formação universitária. O gênero maioritário é o feminino (7 participantes), sendo o masculino representado por 4 participantes.

Resultados

Aos alunos do 9.º ano de escolaridade foi-lhes pedido que ordenassem as disciplinas presentes no seu currículo, tendo em conta a sua opinião sobre a importância que os seus pais atribuem a cada uma. O aluno conferia a cada disciplina um valor, sendo o valor máximo 10 e o mínimo 1. A disciplina que obteve a média mais elevada, ou seja, a que os alunos consideraram mais importante para os seus pais, foi a disciplina de Língua Portuguesa, com uma média de 9,1 valores, seguida de Matemática (8,4 valores) e Inglês (7,1 valores). No ponto oposto situam-se as disciplinas de Educação Musical (2,5 valores), Francês (2,3 valores) e, por último, a disciplina de Educação Tecnológica com um valor médio de 2 valores.

A mesma pergunta foi realizada aos alunos do 12.º ano, sendo que estes atribuíram igual importância às disciplinas de Português, que obteve uma média de 8,6 valores, e à disciplina de Matemática (8,3 valores). Foram consideradas menos importantes as disciplinas de Educação Física (4,7 valores) e a disciplina de Filosofia, com 3,4 valores de média.

Os pais, quando inquiridos sobre a importância das mesmas disciplinas para o futuro dos seus filhos, tiveram uma opinião muito próxima, no entanto, consideraram que a disciplina de Matemática seria mais importante (média de 9 valores), seguida então da disciplina de Língua Portuguesa, com 8,8 valores. Filosofia permaneceu no último lugar da tabela com uma média de 3,7 valores; a disciplina que a precedeu foi Oficina de Artes, com 4,3 valores de média.

Os mesmos pais, quando questionados sobre a possibilidade de alteração do percurso educativo dos filhos, aquando da frequência do ensino superior, para uma área distinta da artística, foram quase unânimes (90,9%) ao responder que gostariam que essa alteração existisse, sendo que apenas um pai (9,1%) gostaria que o seu filho prosseguisse os seus estudos nessa área. 72,7% dos alunos considerou que os seus pais seriam a favor dessa mudança, sendo que os outros 27,3% (3 alunos) pensaram que os seus pais gostariam que eles prosseguissem na área artística.

Análise dos resultados

Embora a amostra utilizada neste estudo represente uma realidade muito ínfima, ela comporta resultados semelhantes a um estudo realizado a 6.000 jovens, durante o seu percurso escolar do ensino secundário ao ensino superior, nos Estados Unidos. Este estudo mostra-nos que a escolha de prosseguir uma carreira nas áreas STEM – Science, Technology, Engineering, Mathematics and Medicine (Ciência, Tecnologia, Engenharia, Matemática e Medicina) – é fortemente influenciada pelos pais. “Apenas 4% dos alunos que não tiveram influências dos pais ingressam num campo STEM (...) [sendo que] (...) 41% dos alunos cujos pais influenciaram fortemente o seu ingresso (...)” prosseguem os seus estudos nessas áreas (Jon Miller, 2010, em Science Daily). Assim, compreendemos que exista uma grande tendência dos pais em influenciar as tomadas de decisão dos seus educandos; penosamente, esta intervenção pode afetar as decisões do sujeito de duas formas distintas: “(...) (a) ou inibindo o indivíduo de tomar uma decisão ou, então (b) conduzindo-o a tomar uma decisão abaixo da qualidade que seria desejada” (Dias Pocinho, Correia, Carvalho, Silva & Silva, 2010: 204), isto é, poderá levar o indivíduo a não ter a liberdade total de escolha, ou a escolher algo que não lhe interessa pessoalmente. A família e a formação educativa dos pais prestam então um papel muito decisivo nas tomadas de decisão, tal como aferimos com o nosso estudo. Embora os alunos tenham escolhido percorrer a área artística no ensino secundário, os seus familiares compreendem essa escolha como um desvio dos anseios formativos pensados para eles, continuando, após três anos de formação, a desejar alterar o percurso do educando no momento de ingresso ao ensino superior. O único encarregado de educação que desejava que o filho prosseguisse estudos na área artística era também o único com a habilitação académica no ensino superior (licenciatura).

A escolha da matemática como disciplina com maior importância não é meramente aleatória. Tal como no estudo de Miller, em que os pais compreendiam que “A matemática é uma porta de entrada principal para uma carreira STEM” (Jon Miller, 2010, em Science Daily), estes pais compreendem que sem esta disciplina muito dificilmente conseguem mudar a área de estudo dos filhos e, como tal, mesmo sendo opcional no currículo do curso Científico-Humanístico de artes visuais, os alunos escolhem Matemática em detrimento de História da Cultura e das Artes, criando grandes lacunas ao nível dos

seus entendimentos sobre arte. O desinteresse pela disciplina de filosofia mostra também a diminuição da importância do desenvolvimento do espírito crítico e do ambiente mais propício à construção de opiniões individuais.

Se pensarmos ainda relativamente aos dados obtidos com os alunos de 9.º ano, podemos perceber que essa influência já está presente desde cedo. As disciplinas do campo das expressões são desde cedo colocadas à margem, e a Matemática e a Língua Portuguesa são altamente valorizadas, sendo o currículo também responsável pela criação destes entendimentos, por tornar as primeiras opcionais e integrando, nas segundas, exames nacionais e um maior peso avaliativo para a progressão do aluno.

Panorama Nacional

Devido ao tamanho da amostra, foi sentida a necessidade de recorrer a ferramentas digitais que permitissem uma maior abrangência na aferição de dados sobre a importância atribuída às disciplinas do grupo das expressões (Educação Musical, Educação Visual, Educação Tecnológica e Educação Física) para o desenvolvimento da criatividade, e sobre a necessidade da sua existência no currículo nacional.

Recorrendo à aplicação VotoExpresso, criada pela empresa Impresa Publishing, S.A., detentora do Jornal Expresso, e produzida para o tablet iPad, foi-nos possível criar um inquérito sobre o tema em estudo. “Esta aplicação foi desenvolvida pela Appgeneration com base na sua tecnologia de Polling – www.npolls.com e os resultados serão tornados públicos em www.expresso.pt” (APPS Portugal, 2011) e na própria aplicação. A aplicação permite então: a criação dos inquéritos; a possibilidade de resposta; e a visualização dos resultados; sendo que será necessário instalá-la no iPad, iPhone ou iPod Touch. Todos os inquéritos apresentados por membros exteriores à empresa estão sujeitos a análise, sendo avaliada a sua pertinência e interesse, e selecionada a sua divulgação.

O inquérito criado por nós intitulou-se “Ensino Artístico”, e foi disponibilizado para resposta no dia 24 de junho de 2011 e encerrado no dia 3 de julho de 2011, sendo analisadas 1000 respostas. Primeiramente, aferiu-se o grau de escolaridade dos inquiridos, que mostrou que a amostra foi composta maioritariamente por licenciados (52%), tendo a restante amostra concluído o 12.º ano de escolaridade (18%), ou um curso técnico ou bacharelato (5%) ou um grau inferior ao 9.º ano de escolaridade ou doutoramento (3%).

A amostra considerou como disciplinas mais importantes para o futuro dos seus educandos as disciplinas de Matemática (43%), Língua Portuguesa (21%) e Inglês (16%), considerando as disciplinas do grupo das expressões como as menos importantes. Posteriormente, foi aferida a possibilidade de exclusão de uma disciplina do currículo educativo português. Maioritariamente (56%), o grupo inquirido não excluiria nenhuma disciplina, no entanto, 24% dispensaria a disciplina de Francês, 8% considerou excluir a disciplina de Educação Musical e 5% anularia as disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica. A amostra suportou a ideia defendida pelo grupo de que as disciplinas artísticas são importantes para o desenvolvimento da criatividade, sendo pertinente a sua presença no currículo educativo português (81%). O grupo de trabalho considerou que este resultado foi obtido devido às suas habilitações académicas.

Tendo como base este estudo realizado, o grupo sugeriu a criação de um estudo onde se procurasse aferir a necessidade de criação de uma disciplina artística de âmbito geral, transversal a todas as áreas do currículo nacional do ensino secundário, que tenha como principal objetivo o desenvolvimento da criatividade, sendo esta adaptada às áreas de estudo dos alunos.

Exemplos multidisciplinares na sociedade

De forma a complementarmos o nosso estudo, apresentamos alguns exemplos de pessoas onde a criatividade foi uma peça fundamental para o sucesso das suas atividades profissionais: Richard Branson, Fátima Lopes e Gabrielle Bonheur Chanel.

Richard Branson é conhecido por ter apostado no empreendedorismo precocemente. Aos dezasseis anos, em conjunto com um amigo, começou por fundar uma revista para adolescentes. Inicialmente o negócio não corria da melhor forma, tendo em conta a inexperiência dos seus mentores. Essa situação reverteu-se aquando da publicação de entrevistas com os grandes nomes da música e com a venda da revista nas estações do metro em Londres. Inicialmente a ideia poderia parecer um pouco ousada, mas foi precisamente o facto de ser inovadora para a época que lhe valeu o sucesso. A ideia de vender o produto num espaço público, onde, todos os dias, independentemente de fatores condicionantes como as condições meteorológicas, passavam milhares de pessoas, foi muito bem conseguida,

uma vez que, além de poder ser divulgado, teria também a hipótese de o vender a um público-alvo muito abrangente, sem estar condicionado a uma determinada idade ou a um determinado espaço. Não contente com o sucesso já conseguido, Richard Branson decidiu continuar no ramo da música e começar a vender discos, através de encomendas que seriam enviadas por correio. O negócio começou a crescer e, em 1970, Branson fundou a Virgin que, mais tarde, graças ao seu estrondoso sucesso, tornou-se numa das mais conhecidas produtoras musicais do mundo. O boom da empresa deve-se em parte ao conceito do experimentalismo, que passa por experimentar o produto antes de o comprar. Este fator não é novidade nos tempos hodiernos, uma vez que temos a possibilidade de, nas maiores lojas musicais, ouvirmos a música antes de a adquirirmos, no entanto, na altura em que surgiu este fator, foi encarado como uma grande inovação.

Tal como podemos constatar, o sucesso de Branson deve-se sem dúvida às suas ideias originais e autênticas, caso contrário não teria certamente tanto mérito. Toda esta componente criativa foi-se desenvolvendo cada vez mais ao longo dos anos, sendo inclusive estimulada pelos pais que lhe proporcionaram uma educação bastante exigente, com a qual o incentivavam a lutar sozinho pelos seus objetivos sem qualquer tipo de ajuda. Este tipo de educação é um dos principais fatores responsáveis por Branson ser o dono da Virgin Group, que tem investimentos desde o vestuário até à aviação, combustíveis e viagens espaciais, fazendo dele um dos homens mais ricos do mundo. Quando questionado relativamente ao sucesso em áreas tão diferentes, o empresário refere que “[...] uma das razões do nosso sucesso é que, na Virgin, somos permanentemente guiados por nossos valores. Por valores, entenda-se oferecer serviços de qualidade e acessíveis, de forma inovadora e em áreas nas quais possamos desafiar a estagnação do mercado.” (Passos, 2009, outubro, 10).

Mas não só no panorama musical surgem histórias de sucesso. Se juntarmos os nomes Coco Chanel e Fátima Lopes, quais os pontos que encontramos em comum para além do facto de serem mulheres de sucesso no mundo da moda?

Fátima Lopes deixou a sua terra natal, o Funchal, partindo para a terra das oportunidades, Lisboa. Desde cedo, a estilista demonstrou um grande interesse pela moda e pela confecção das suas próprias roupas, referindo em uma entrevista: “[...] adoro criar, faz-me sentir viva! Gosto de trabalhar e sempre

innovar.” (Miranda, 2010, dezembro, 3).

Já em Lisboa, juntamente com uma sócia, abriu uma loja onde vendia essencialmente roupa para clientes estrangeiros, facto que lhe permitiu mais tarde dar o salto e apresentar as suas propostas ousadas numa feira de Paris. O mundo da moda teria muito a perder, se a estilista não se tivesse destacado através da sua força de vontade e pela sua originalidade utilizada em cada um dos seus trabalhos. O seu design único e a consequente criatividade expressa nas suas criações fizeram desta mulher uma das portuguesas mais reconhecidas pelo mundo inteiro.

Gabrielle Bonheur Chanel, mais conhecida por Coco Chanel, tinha em comum com Fátima Lopes o desejo de emancipação desde muito nova. Começou por frequentar a cidade Luz e a integrar-se no seu meio social após a abertura da primeira casa Chanel, onde vendia sobretudo chapéus. Mais tarde, este império cresceu e deu lugar à casa de costura que impulsionou a marca de renome internacional que continua a vestir as mais variadas estrelas internacionais. Decidida a expandir ainda mais o seu espólio de produtos de sucesso, Coco Chanel criou aquele que viria a ser até hoje um dos perfumes mais comprados no mundo inteiro, o Chanel n.º 5. O sucesso desta mulher deve-se em grande parte à sua capacidade empreendedora e sobretudo à sua coragem demonstrada na luta pela revolução do estilo feminino da época. Em plena 2.ª Guerra Mundial, a ousadia de Coco Chanel nem sempre foi bem aceite, sobretudo pelos elementos do sexo masculino, uma vez que os costumes e valores contrariavam a ideia de que a mulher deveria cuidar da sua aparência para se sentir confiante e bem consigo própria. Para muitas mulheres esta transformação, além de ser um marco histórico, mudou mentalidades e hábitos sociais existentes até então, sendo o primeiro passo para a sua emancipação. Segundo Diana Vreeland, editora chefe da Vogue americana nos anos 60, citada por McDowell, “[...] Chanel inventou o século 20 para as mulheres.” (2009, março, 29).

Num mundo onde existe tanta concorrência e em que cada vez mais os padrões de beleza são mais exigentes, a criatividade surge como uma ferramenta de trabalho que tem de ser cultivada diariamente. Se a criatividade destas três personalidades não tivesse sido estimulada ao longo dos anos, hoje provavelmente não teriam a mesma carreira de sucesso que têm. A educação destes exemplos referidos anteriormente não está na base da sua capacidade criativa, pois a inspiração para a criação de um determinado tipo de produto só é possível se o criador estiver aberto a novas

visões e estímulos que o tornem capazes de se destacar no meio de tantos outros.

Com estes exemplos, tanto do panorama nacional como internacional, o que se pretende é demonstrar que a criatividade teve um papel preponderante na vida destas pessoas, uma vez que foi graças a ela que conseguiram vencer tanto a nível pessoal como profissional.

Conclusão

Refletimos com este estudo que as famílias, algumas vezes, contribuem acidentalmente para o decréscimo da criatividade dos seus educandos, muitas vezes por condições educativas, económicas ou perspetivas pessoais. Assim sendo, consideramos que a educação atual não deveria formatar os alunos, antes, transmitir ferramentas necessárias para abolir qualquer fronteira e libertar o agente criativo para que, lá fora, novas mentes criativas se desprendam das condicionantes impostas pelo meio envolvente. Assim, de forma empreendedora serão obtidos resultados positivos, não só no âmbito pessoal, mas também no âmbito social.

Referências Bibliográficas

- APPS Portugal (2011). "Expresso Inqueritos". Retirado de <http://appsportugal.com/app/expresso-inqueritos-ipad/525>.
- Berryman Julia; Hargreaves David; Herbert Martin; Taylor Ann (2005). *A Psicologia do Desenvolvimento Humano*. Lisboa: Instituto Piaget
- Condessa, Isabel (2006). "O Movimento Criativo. A criatividade na educação" em *Actas do colóquio* (pp. 40-45). Açores: Universidade dos Açores – Centro de Estudos Filosóficos.
- Dias Pocinho, Margarida; Correia, Armando; Carvalho, Gil; Silva, Renato; Silva, Carla (2010). "Influência do género, da família e dos serviços de psicologia e orientação na tomada de decisão de carreira" em *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, vol. 11, núm. 2, julho-dezembro, 2010, 201-212. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902010000200005&lng=pt&nrm=iso
- Digué, Patrícia (2010, junho, 23). "A escolar mata a criatividade. Isto é SP" Retirado de <http://pt.scribd.com/doc/33389621/A-Escola-Mata-a-Criatividade>.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2010). Retirado de <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=criatividade>.
- Martins, Débora; Gonçalves, João; Vieira, Ricardo (2011). "Estratégias Familiares de Educação das Crianças". Retirado de http://www3.uma.pt/alicemendonca/act_letiva1.html
- Medeiros, Emanuel Oliveira (2006). "Criatividade em ambientes educativos. A criatividade na educação" em *Actas do colóquio* (pp. 69-84). Açores: Universidade dos Açores – Centro de Estudos Filosóficos.
- Miranda, Jandira (2010, dezembro, 3). "Fátima Lopes – De Funchal para o Mundo" em *Revista Vida*. Retirado de <http://www.opais.net/pt/revista/?id=1631&dt=17668&mid=>
- McDowell, Colin (2009, março, 29). "Why there's no true story of Coco Chanel" em *The Sunday Times*. Retirado de http://entertainment.timesonline.co.uk/tol/arts_and_entertainment/film/article5982466.ec.
- Passos, Alfredo (2009, outubro, 10). "Em entrevista exclusiva: DINHEIRO, o bilionário Richard Branson, criador da Virgin, revela como construiu um dos maiores impérios do século 21". Retirado de: <http://alfredopassos.wordpress.com/2009/10/10/em-entrevista-exclusiva-a-dinheiro-o-bilionario-richard-branson-criador-da-virgin-revela-como-construiu-um-dos-maiores-imperios-do-seculo21/>
- Sardinha, Idalina (2007). *A Fruição da Arte*. Lisboa: Celta.
- Seabra, Teresa (2000). *Educação nas Famílias – Etnicidade e Classes Sociais*. Temas de Investigação 9. Lisboa: Ministério da Educação.
- Sousa, Alberto B. (2003). *Educação pela arte e arte na educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Universidade do Estado do Michigan (2010, fevereiro). "Parents still major influence on child's decision to pursue science careers" em *Science Daily*. Retirado de <http://www.sciencedaily.com/releases/2010/02/100220204814.htm>.
- Wechsler, Solange Muglia (2008). *Criatividade: Descobrimo e Encorajando* (3.ª Edição). São Paulo: IDB.

Bibliografia

- Hill, Manuela Magalhães; Hill, Andrew (2008). *Investigação por Questionário*. (2.ª edição). Lisboa: Edições Silabo.
- Lima, Manirús Pires (2000). *Inquérito Sociológico*. (5.ª Edição). Lisboa: Editorial Presença.
- Ministério da Educação (2001). "Currículo Nacional do Ensino Básico". Retirado de <http://www.dgidec.minedu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=2>.
- Ministério da Educação (2007). "Ensino Secundário, Cursos Científicos-Humanísticos, Artes Visuais". Retirado de www.min-edu.pt/index.php?s=white&pid=288.
- Morais, Maria de Fátima; Bahia, Sara (coords.) (2008). *Criatividade: Conceito, Necessidades e Intervenção*. Braga: Psiquilíbrios Edições.

